

# A SACRALIDADE DA NATUREZA

The sacredness of nature

*Edison Barbieri<sup>(\*)</sup>*

## Resumo

Com o advento do mundo moderno a natureza foi privada de seu significado sagrado, passando a ser vista pela ciência como uma inimiga a ser conquistada em nome do progresso. É óbvio que não podemos negar o valor da ciência moderna, mas, em alguns casos, suas funções e aplicações tornaram-se ilegítimas e até perigosas, pois não estão integradas a uma forma superior de conhecimento. A ciência é um meio concebido pela mente humana para desvendar os segredos do universo. Vista como um fim em si, perde sua legitimidade e acaba se tornando uma força destrutiva para o homem em algum momento, causando vários problemas, como a crise ecológica, que acaba sendo a manifestação externa de um mal-estar interior, que só pode ser resolvido através de um renascimento espiritual do homem moderno.

**Palavras-chave:** Sagrado. Natureza. Crise ecológica. Renascimento espiritual.

## Abstract

The advent of the modern world nature was deprived of its sacred meaning, it came to be seen by science as an enemy to be conquered in the name of progress. It is obvious that we can not deny the value of modern science, but in some cases its functions and applications have become illegitimate and even dangerous, since it is not integrated into a higher form of knowledge. Science is a medium conceived by the human mind to unravel the secrets of the universe. Viewed as an end in itself, it loses its legitimacy and eventually becomes a destructive force for man at some point, causing various problems, such as the ecological crisis, which ends up being the outward manifestation of an inner malaise, which can only be resolved through a spiritual rebirth of modern man.

**Keywords:** Sacred. Nature. Ecological crisis. Spiritual rebirth.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XVI caracterizou-se pelas grandes navegações e reaquecimento do comércio europeu, época quando se deu início a uma nova racionalidade, baseada na colonização, expansão e exploração. Sob essa nova premissa a natureza passa a ser vista por um novo modelo – a exploração –, que marca o começo da mais grave crise ambiental sem precedentes na história da civilização, por tornar-se mundial. Esta crise surge com uma racionalidade emanada de uma visão de mundo que percebe o indivíduo

---

<sup>(\*)</sup> PhD. Oceanógrafo. Bolsista de produtividade do CNPq. Pesquisador nível 6 e professor credenciado no Programa de Pós Graduação em Agricultura e Pesca no Instituto de Pesca - Secretária da Agricultura e Abastecimento, Governo do Estado de São Paulo, Divisão de Maricultura, Base de Cananéia. Participou do LEAD internacional em Cuba e Moscou e de 5 sessões patrocinadas pela Agência Internacional de Energia Atômica – ONU. Foi premiado em 2015, 2016 e 2017 como melhor profissional do ano no Brasil pela BRASLIDER, por sua atuação científica na área socioambiental. Editor chefe da revista científica Boletim do Instituto de Pesca e editor científico da revista O Mundo da Saúde.

**Email:** edisonbarbieri@yahoo.com.br

como componente único das relações sociais. Há a separação e o primado da razão sobre a matéria. O trabalho é concebido apenas como atividade de apropriação da natureza. A natureza nesta visão é tratada como mero objeto de conhecimento e domínio. Ela não possui um valor intrínseco, mas apenas de uso. Esta racionalidade de domínio também se aplica aos povos não europeus que são submetidos e obrigados a se colocarem a serviço do processo de comercialização e, mais tarde, de industrialização que surge e se consolida na Europa.

A era industrial antropocêntrica “aprimorou” a racionalidade moderna, considerando a natureza como um reservatório inesgotável de recursos e/ou um depósito de lixo, transformando-a em mercadoria para o consumo, e fazendo da pessoa humana mera força de trabalho a ser vendida no mercado (BARBIERI, 1996). Essa racionalidade econômica torna-se a matriz hegemônica que vai gestar, nas diversas etapas e modelos econômicos da modernidade, uma nova ideologia: o desenvolvimento.

A idade moderna caracteriza-se pela centralidade da razão na compreensão e organização da vida e da sociedade humana. A ciência e a técnica constituem a expressão mais acabada da racionalidade. Elas são responsáveis pela emergência do maior mito da modernidade: o desenvolvimento ilimitado. Em nome dele moldou-se uma nova face da terra e produziu-se para bom número de nações e de setores sociais um bem estar material jamais alcançado antes (CNBB, 1992). Esse desenvolvimento linear ilimitado custou também um preço social pesado. Grandes porções da humanidade foram sacrificadas ao progresso ou dele beneficiam-se apenas de forma subalterna ou marginal.

O que, na verdade, está hoje em crise não é principalmente o modelo de desenvolvimento. Mas a crise de modelo de sociedade imperante no mundo. É no interior da sociedade que se elabora o projeto de desenvolvimento. A sociedade decide acerca do desenvolvimento que ela quer para si.

As soluções que surgem hoje para a proteção da natureza são em sua maioria simplistas e paleativas (conservacionismo, ambientalismo) e não questionam o modelo de sociedade, os paradigmas de desenvolvimento e de consumo, principais causadores da crise ecológica mundial, especialmente das doenças e da morte prematura das populações mais pobres (FLAVIN, 1990). Pois em se tratando de países subdesenvolvidos, a pobreza é o pior dos problemas ambientais que estes povos estão enfrentando. A pobreza talvez seja a pior das poluições causadas pela nossa forma de produzir e consumir (BARBIERI, 1993).

Desenvolvimento econômico, tecnologia e pragmatismo são as palavras chaves de civilização moderna e já não há espaço para o altruísmo e o humanismo. Hoje em dia os valores éticos são tão elásticos que se acomodam a qualquer argumento “progressista”. O ser humano vira vítima de sua própria forma de pensar. Apesar do hedonismo, ele é um ser ético capaz de resgatar valores verdadeiros em qualquer forma de vida que levar, em qualquer meio social em que se encontrar (BARBIERI, 1992). Suas causas básicas, no entanto, trazem de volta as mais simples tradições religiosas e culturais do mundo ocidental.

As religiões tradicionais nos proporcionaram um elevado conhecimento das relações entre os seres humanos. Resgatar essa rica herança é de suma importância, para utilizarmos no nosso dia a dia, a fim de vivermos melhor nossas relações com o ambiente que nos cerca e construirmos a partir dessas tradições quem sabe um mundo mais justo.

## 2 O PRIMADO DA CIÊNCIA

O homem ocidental sempre se interessou pelo funcionamento e pela mecânica das coisas. Durante séculos, o espírito analítico e investigador, tipicamente ocidental estudou a natureza como forma de conseguir penetrar na mente de Deus. Até o século XVII os cientistas se consideravam também teólogos, como afirmava o próprio Newton (BELTRÃO, P. C., 1981). Porém, no século XVIII, a busca das leis de Deus foi sendo esquecida à medida que a cultura se distanciara do sentido religioso da vida. A ciência e a técnica continuaram, mesmo assim, a perseguir uma lógica interna na Natureza como última recordação inconsciente da lógica divina. Nessa civilização que, desde o século XVIII, marco do desenvolvimento tecnológico, foi se distanciando de inspirações éticas e religiosas, percebe que a imagem de Deus que possui atualmente não serve para fazer com que o mundo seja mais habitável. Conceitos como comunidade, fraternidade, igualdade... etc, provenientes de um substrato cultural cristão, poderiam ser suficientes para tornar o mundo mais habitável, que pensa mais no próximo.

No entanto, com o advento do mundo moderno a natureza foi destituída de seu significado sagrado, passando a ser vista pela ciência como um inimigo a se conquistar, em nome do progresso (POSTEL e FLAVIN, 1991). É óbvio que não podemos negar o valor da ciência moderna, mas em alguns casos suas funções e aplicações tornaram-se ilegítimas e mesmo perigosas, visto que ela não está integrada a uma forma mais

elevada de conhecimento. A ciência é um meio concebido pela mente humana para desvendar os segredos do universo. Encarada como um fim em si mesma, ela perde sua legitimidade e acaba se tornando uma força destrutiva para o homem em alguns momentos, causando vários problemas, como a crise ecológica, que acaba sendo a manifestação externa de um mal estar interior, que só pode ser resolvida por meio de um renascimento espiritual do homem moderno.

Muitos dos pais da ciência moderna, como Francis Bacon, consideravam que o objetivo da ciência era o domínio do homem sobre a natureza, abrindo assim a possibilidade para sua destruição. Além disso, a ciência do tipo moderna por definição se divorciou desde o início da ética. Não que os cientistas individuais não tivessem ética, mas as ciências em si excluíram de suas perspectivas o sentido ético.

Algumas civilizações desenvolveram ciências que poderiam ser chamadas de "materialistas" apesar do termo materialista só ter nascido com Descartes. Antes a própria palavra "matéria" tinha um sentido diferente. Mas seja como for, havia ciências que lidavam com aspectos materiais do universo no mundo Islâmico, na China, na Índia e até na Grécia, mas sempre como parte de uma ciência maior, integradas a uma visão de mundo mais abrangente e uma visão qualitativa da natureza. Pode-se dizer, portanto, que uma concepção quantitativa, profana e materialista, dominando todo um campo da ciência é um fenômeno moderno, algo que nunca acontecera antes na história da humanidade, nem mesmo na antiguidade grega.

Todas as sociedades europeias sempre foram reguladas em suas relações sociais pela crença num valor absoluto.

Na civilização que nasceu no Ocidente durante a Renascença, com seus homens típicos dos quais Descartes é um exemplo, a humanidade se encontra separada da natureza. Descartes dizia que o homem é senhor e dono da natureza, estabelecendo uma relação de propriedade com ela. Essa postura filosófica deu ao homem um grande poder, acrescido pelo desenvolvimento da técnica. Mas o privou de outra dimensão, pois o trabalho não é a única dimensão do homem.

René Descartes ensinava em sua teoria da ciência (*Discurso do Método*) que a vocação do ser humano reside em sermos "mestre possuidores da natureza". Outro fundador, Francis Bacon, expressou sinistramente o sentido do saber: "saber é poder". Poder sobre a natureza, completava ele, significa "amarrá-la ao serviço humano e fazê-la nossa escrava"

Os filósofos chamados pré-socráticos (o que é um absurdo, pois falavam grego, mas não tinham nada de gregos, e nasceram e se formaram numa região do Império Persa), como Tales de Mileto, Anaxíandro, Heráclito de Éfeso e outros representaram uma grande ligação entre as civilizações da Índia e do Irã, nas quais havia uma unidade intrínseca do homem com a natureza. O homem era considerado por eles uma parte da natureza, sobretudo, havia esta idéia fundamental do sentido da vida. Dizer Deus significava dizer vida em essência. O verdadeiro ateu é aquele que diz com Camus que a vida é um absurdo, que diz com Sartre: o homem quer ser Deus, mas não consegue, então a vida é uma paixão inútil. Há outros que dizem que a vida inteira é feita de necessidades do acaso, uma vida sem motivos, sem objetos, é uma degradação. Esta é uma concepção positivista do mundo. O positivismo fez muito mal não só à Europa mas também ao Brasil.

O positivismo é o mundo sem o homem. Numa realidade que existe em volta de nós e sem nós, a nossa ciência deve refleti-la e deve ser uma ciência limitada. A ambição de August Comte (que viveu logo depois da revolução francesa e foi secretário de Sant Simon), era substituir a religião por outros valores. A revolução francesa tirou do poder as antigas classes dirigentes, os senhores feudais. Comte, o criador do positivismo, detestava a idéia de uma volta ao passado, à religião. Mas para que a idade teológica não voltasse, era preciso dar ao homem um substituto para a religião, ou seja, a ciência, que na realidade era o cientificismo, o contrário do espírito científico. O sistema de Comte era mais reacionário que se possa imaginar na nossa época.

Devido à influência marcante desses filósofos na cultura ocidental, o homem ocidental se afastou da natureza e de Deus. Nos Vedas indianos e no Corão o homem faz parte da natureza. Nos Vedas o homem não foi dividido, está inteiro, em sua unidade com Deus. Essas religiões levam em conta sempre o ser humano em toda sua dimensão. Ele não deve se ocupar de dominar a natureza e outros homens.

A ciência ocidental se transformou em instrumento de poder (BARBIERI, 1998). A sabedoria ancestral, completamente ao contrário do individualismo ocidental, fala que o ser humano é apenas uma onda no oceano da vida, em que cada um se sente responsável por todos os outros.

Não se pode falar de ecologia como uma nova ciência do equilíbrio entre vários sistemas, por exemplo. Mas o equilíbrio da natureza não é puramente material. Um equilíbrio ecológico total teria que incluir o psicológico, o espiritual e finalmente o divino, porque não há descontinuidade, a natureza não é um organismo fechado, que é

apenas físico, biológico. Hoje nós percebemos que a poluição dos oceanos afeta muitas pessoas. Mas não se percebeu que o domínio físico está ligado ao psicológico, e que o domínio psicológico está ligado ao espiritual. Há, portanto, uma hierarquia. Mas a ciência moderna não pode conquistar um equilíbrio, porque ela não aceita a totalidade da realidade. Ou seja, não se conseguirá um equilíbrio com base no plano puramente físico, quando há um desequilíbrio em relação ao psicológico e desse com o espiritual. O homem não pode voltar-se só para a ciência moderna a fim de resolver a sua crise ecológica. Como é o caso da crença generalizada de que, se um homem cria um determinado problema, a ciência terá a capacidade de resolvê-lo. Isto é verdade em muitos casos, mas a ciência não é e nunca será onipotente. Muitos problemas provocados pelo homem são irreversíveis, e outros de difícil solução.

Hoje o que chamamos de ciência (que deveríamos chamar de ciência ocidental) é obra de uma razão mutilada, que coloca apenas uma questão do Como e nunca do Por quê?. Como ir a lua, ou como fazer uma bomba atômica, em vez de perguntar por quê é necessário ir a lua ou fazer a bomba atômica para quê?

Uma razão que não tem consciência de seus limites (de sua recusa em procurar os fins, de sua impotência para chegar ao âmago da questão) é uma razão deturpada. A fé é a razão consciente desta dupla dimensão: a procura dos fins e o fracasso em descobrir os fins derradeiros. A fé é a razão sem fronteiras, consciente da procura dos fins e dos seus postulados. A fé é aberta (por sua finalidade e por seus postulados) à revelação que a ilumina. O animal é limitado pelo círculo de seus instintos e de seu destino. O homem é o único animal que se coloca a questão do sentido da vida e da morte. Por isso construímos túmulos e templos: túmulos para tentar passar o tempo à eternidade e templos para passar do fato ao sentido.

Ademais, embora sendo um instrumento poderoso e indispensável ao desenvolvimento da sociedade humana, a ciência só pode solucionar algumas coisas num prazo extremamente longo. É preciso então restabelecer o equilíbrio, as proporções entre os diversos planos de realidade, reforçando, assim, a ética, a fim de incluir valores de manutenção da vida e outros valores externos ao mercado, para que possamos diminuir o desnível entre o conhecimento técnico possuído pela ciência e a vontade dos líderes políticos de tomarem decisão a longo prazo para o bem da coletividade.

### 3 O MATERIALISMO

O consumismo com o qual vivemos constitui-se de patologias culturais que há muito foram aceitas como o nosso padrão normal de comportamento. As patologias consumistas que levam à destruição dos sistemas de vida da terra são modelos aceitáveis de comportamento humano. Pior que isso, tornaram-se necessidades básicas e imprescindíveis para o perfeito funcionamento de nossas instituições sociais e econômicas.

A máquina do consumismo esfaleta os valores culturais e interfere na vida de uma pessoa a ponto de torná-la mera engrenagem de uma forma de pensamento na qual até o feitor vira vítima. E assim, os outros seres da natureza são vistos como objetos que podem ser comprados e utilizados, e não como realidades, cujo bem estar está diretamente ligado ao nosso.

A classe dominante não impõe limites aos seus dejetos, impedindo que os outros satisfaçam até suas necessidades. A pobreza bem como a riqueza produzem desequilíbrios ecológicos (BARBIERI, 1992). Os pobres, por necessidade, depredam a curto prazo (desmatam, poluem a água, caçam, pescam, etc). Os ricos esbajam recursos que vão fazer falta aos pobres de hoje e às gerações de amanhã. Bem dizia Mahatma Gandhi: “A terra satisfaz as necessidades de todos, mas não a voracidade dos consumistas”.

O materialismo foi denunciado por todos os sábios, de Buda a Maomé. Na realidade todas as religiões, discordam uma da outra no retrato do que é a natureza do universo, a natureza da vida espiritual e a natureza da realidade final. Mas todas elas concordam em suas normas éticas. Em todas elas há elementos que dizem: se fizermos da riqueza material o nosso objetivo mais importante isso nos levará à infelicidade. No evangelho cristão ecoa com grande sabedoria a pergunta: “Que vantagem um homem terá se ele ganhar todo o mundo e perder sua própria alma?”

A estrutura social nos ensina a pensar em nós mesmos como consumidores. Somos ensinados pelas propagandas na mídia que consumir é viver. Um texto clássico hindu chamado Bhagavad Gita deixa clara essa relação. “Pensar sobre objetos materiais, prenderá você a objetos materiais; cresça preso e se tornará dependente”.

Transferir a ênfase do material para o não material não é uma tarefa desprezível: significa tentar tanto restringir os desejos pessoais como resistir ao fluxo de forças externas que encorajam o consumo. Mahatma Gandhi testemunhou a dificuldade de

viver frugalmente: “Eu devo confessar a vocês que o progresso a princípio foi lento. Agora quando eu me lembro daqueles dias de batalha, eu me lembro de que isso também foi doloroso no início... Mas, à medida que os dias passavam, eu vi que tinha que jogar fora muitas outras coisas que eu considerava como minhas, e chegou o tempo em que desistir daquelas coisas se tornou uma questão de contentamento.”

Em todas as religiões e filosofias conhecidas pela humanidade o consumismo já foi denunciado e negado, desde os índios até o Taoísmo: (LaCHANCE, 1996), mas é proclamado e incentivado por todos aparelhos de TV do mundo. Podemos citar aqui alguns princípios das regiões ou culturas que nos fazem refletir sobre o consumismo:

- Índio Norte Americano: “Miseráveis que parecemos aos seus olhos, consideramos a nós próprios ... muito mais felizes do que você, uma vez que estamos muito contentes com o pouco que nós temos” (chefe Micmac).
- Budismo: “Quem quer que nesse mundo supere os seus desejos egoístas, as suas tristezas serão dele drenadas, como gotas de água de uma flor de lótus” (Dhammapada, 336)
- Cristianismo: “É mais fácil um camelo atravessar o buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mat. 19:23-24).
- Confucionismo: “O excesso e a deficiência estão igualmente errados” (Confúcio, XI.15).
- Grego antigo: “Nada em excesso” (do Oráculo de Delfos).
- Hinduísmo: “ Aquela pessoa que vive completamente livre de desejos, sem ansiedade ... atinge a paz” (Bhagavad-Gita, II.71).
- Islamismo: “A pobreza é o meu orgulho” (Maomé).
- Judaísmo: “Não me dê pobreza nem riqueza” (Provérbios, 30:8).
- Taoísmo: “Aquele que sabe que tem o suficiente é rico” (Tao Te Ching).

#### 4 O VALOR DA NATUREZA EM VÁRIAS TRADIÇÕES

Em todas as religiões do mundo ocidental ao oriental passando pelas culturas indígenas, encontramos valores sacros da natureza, elementos que passam do mito ao imaginário, com simbolismo forte desde a importância de se preservar, até mesmo uma identificação íntima como parte integrante da natureza. O fato de os seres humanos

antigos terem vivido com uma certa intimidade em relação ao mundo que os cercava deve-se à sua surpreendente capacidade intuitiva e ao grande alcance de sua visão. Tais seres humanos não estavam ainda atormentados pelo reducionismo analítico da ciência moderna – eles sabiam que todos os seres vivos dependiam um do outro.

E hoje torna-se cada vez mais necessário redescobrir o senso sagrado da natureza, sua dimensão sacra e o papel que ela pode desempenhar na vida do homem, e não encará-la como uma coisa, um objeto a ser usado e jogado fora. Os índios, por exemplo, vivem há muito tempo em contato íntimo com a natureza: ela faz parte de sua religião, não é vista como elemento estranho.

Em todas as religiões existem certos elementos que são tornados sagrados diretamente pela revelação, e eles diferem entre uma religião e outra. Certos símbolos, como, por exemplo, a cruz, são sagrados para o cristianismo, mas pode não sê-lo necessariamente para os índios. Mas o sentido geral da sacralidade do Cosmo é muito abrangente para estar excluído das visões de mundo das grandes religiões. O que se pode dizer então, é que os ritos ou símbolos específicos dos índios não serão necessariamente sagrados para os não índios do Brasil. Mas o sentido geral do sagrado que os índios sustentam, pode certamente ser compartilhado pelos cristão e outros grupos, uma vez que o sagrado é uma manifestação do divino na ordem humana; é a presença da eternidade no tempo; é o que faz o homem divino na periferia; o sagrado é portanto, algo que gera um senso de totalidade, de submissão e também de alegria, porque leva o homem de volta a sua idéia de plenitude, à sua origem.

A noção de trindade, por exemplo, é muito presente nos Vedas. Ou seja, o homem é, ao mesmo tempo, um com a natureza e um com Deus. O Homem e Deus não fazem dois, mas um.

O mulçumano constrói sua prece e suas mesquitas. Os ritmos da prece, harmonizados com o levante e o poente dos astros, inserem o homem numa ordem cósmica e os restos da prece reproduzem no homem os movimentos fundamentais de todos os níveis da existência. A prece não liga o homem apenas com a natureza e o cosmo, mas também com a humanidade inteira.

Entre os índios americanos, a própria terra faz parte do homem. Eles dizem “A natureza inteira é meu corpo”, “eu sou junto com o trigo, com todas as plantas”. Isto é um sentimento que se perdeu.

A tradição védica trouxe-nos transcendência e harmonia com a natureza. Os sábios da cultura védica viam a natureza material à luz de sua origem espiritual original

- a consciência. Assim, eles tratavam as árvores, montanhas, pedras, e tudo mais com grande respeito. E sua teologia não era primitiva nem supersticiosa. Eles percebiam que todas as manifestações materiais eram sombras do espiritual. Eles compreenderam que a base fundamental da realidade material é a consciência e que a consciência no fim é sempre pessoal. Enquanto só podemos ver a sombra e aceitá-la erroneamente como a substância, eles podiam ver essa substância material como a sombra de verdadeira substância - a consciência.

Segundo Sri Chaitanya “na dimensão causal mais fundamental, somente vigora a doce vontade de Krishna. Lá, todos os movimentos surgem do seu divertimento. Deus, a cada movimento da natureza, nos convida a brincar com ele. Sri Chaitanya via a vontade transcendental de Krishna manifesta em todos os lugares. Tudo mais, ou qualquer outra visão, era para ele um quadro incompleto. Observar o mundo assim é descobrir uma harmonia superior na natureza e em nossa alma”.(Dasa, 1996)

A filosofia proposta nos vedas ajusta o bom senso de tomar conta de nosso meio ambiente com o cultivo de nossa vida espiritual. Nessa visão, não podemos divorciar a natureza de sua origem espiritual e devemos aprender a respeitar a Natureza se quisermos o nosso destino espiritual.

No capítulo 2 do Sutra do Lótus, Shakyamuni fala “Por amor a todas as criaturas, meu coração está movido de grande piedade”. Os budistas se recordam sempre da determinação do Buda e sua grande compaixão por todos os seres vivos, os quais devem ser considerados, não como mera expressão da preocupação pessoal do Buda para conosco, mas como as reais preocupações de toda a humanidade. Buda sempre ensinava com honestidade e todos ficavam comovidos por seu compassivo desejo de salvar a todos os seres sensíveis de seus sofrimentos.

## 5 VISÃO DO JUDAISMO DA NATUREZA

No que diz respeito ao nosso mundo ocidental, podemos nos deter na nossa herança judaico-cristã, quanto a relação homem-natureza. Um conceito chave foi apresentado no relato da criação do Homem: criado a partir do "barro". Com esta imagem figurada, em que Deus cria o mundo como imenso jardim, onde há tudo (terceiro capítulo do livro do Gênesis), começou a ser escrito o primeiro relato sobre a criação, que remonta ao século X a.C. (época de Salomão). O autor do Gênesis queria expressar, nos relatos da criação, a unidade e a dependência total entre o homem e a terra, isto é, a Natureza inteira, todo o Universo conhecido. Quem ouvia o relato, identificava "homem" e "barro", ou "pó da terra", só pelo fato de que eram usadas palavras Hebraicas *âdâm* para "homem" e *âdâmâih* para "Pó da terra". Os restantes dos

relatos orais que circulavam por Israel, ou seja, o conhecido relato da criação em sete dias (primeiro capítulo do gênesis), só chegou a ser escrito no século VI a. C. por um autor pertencente à classe sacerdotal, com uma linguagem mais estudada e uma sucessão lógica mais calculada, segundo os conhecimentos da época, onde se parte do caos sem forma e Deus chama, para a existência, cada ser, construindo pouco a pouco um mundo tal como podia ser conhecido por um hebreu do século VI a. C.

Foi dito repetidamente que a civilização ocidental destruiu de modo irresponsável a Natureza, porque desenvolveu um sistema que tinha suas raízes no conceito religioso do domínio da Natureza, que supostamente deriva do mandato bíblico de dominar todos os seres vivos e a terra inteira. Mas é necessário frisar que o propósito do primeiro capítulo do Gênesis era estabelecer uma hierarquia de valores para explicar que os animais não eram deuses. Tratava-se de estabelecer conceitos que eram duvidosos, considerando que os povos que circundavam Israel eram politeístas. O relato do Gênesis tinha que justificar que o homem está acima de qualquer animal; porém ele também é um ser criado. É interessante notar que o Gênesis era dirigido a um povo de mentalidade oriental, compreendida mais pela imagem de conjunto que por cada palavra. (ROSIQUE & BARBIERI, 1992). Por isso é provável que o mandato de domínio sobre todos os seres vivos tivesse a finalidade de desmistificar as divindades animais dos povos da região. No segundo capítulo do Gênesis, podemos encontrar um caminho a ser seguido, na relação homem-natureza, onde está escrito que Deus criou o ser humano para habitar o Jardim do Paraíso e dele cuidar. É nesse ser jardineiro (oposto ao ser humano destruidor que nossa civilização vem privilegiando) que devemos centralizar nosso pensamento .

No início da Torá, encontramos noções ambientais acerca de vários assuntos, dentre os quais a preservação das espécies animais e a diversidade biológica. De forma precursora, é Noé quem, intuitivamente - antes do Dilúvio, cumprindo o ordenamento divino, com o objetivo de preservar as espécies animais, aplica essas “noções”, ao levar para a Arca sete casais de cada espécie de animais puros e dois casais de cada espécie de animais impuros. (WAINER, 1996).

Prosseguindo o nosso olhar ecológico sobre a Torá, encontramos uma noção intuitiva de impacto ambiental. Tal ocorre quando Abrão roga a Lot para que se estabeleça em direção oposta à sua. “Separa-te, rogo, de mim; se vais à esquerda, eu irei à direita, e se vais à direita, irei à esquerda.” Estavam ambos carregados de gado – ovelhas e vacas –, em consequência a terra não podia sustentá-los para estarem os dois

juntos (Gênesis XIII). Hoje em muitos locais do mundo o sobrepastoreio, causa diversos tipos de impacto como : a perda da vegetação, compactação do solo, e erosão.

Quando Moisés desceu o monte Sinai, ele podia contar no dedo de suas duas mãos as regras do comportamento ético. Na complexa economia global do final do século, onde o simples ato de ligar um ar condicionado joga gases estufa na atmosfera, as regras para um modo de vida ecologicamente sustentável atingem a centenas. O valor básico de uma sociedade sustentável, contudo, é o equivalente ecológico da regra bíblica “fazei aos outros aquilo que queres que os outros vos façam” . É simples: cada geração deve satisfazer suas necessidades sem pôr em risco as esperanças das futuras gerações em satisfazer as próprias necessidades. O que está faltando é o completo conhecimento prático - em cada nível de sociedade - do que significa viver por esses princípios.

Escreveu um pensador judeu contemporâneo:

Confinados na nossa sala de estudo podemos acolher qualquer idéia que nos surja em nossas mentes. Em tais circunstâncias é sempre plausível dizer que o mundo é desprezível e todo o significado um sonho ou uma função. Mesmo assim, ninguém pode olhar com desprezo para as estrelas, deixar de dar atendimento à alvorada, ridicularizar o florescer da primavera ou zombar da complexidade do ser. Distante da imensidão, enclausurados em nossos próprios conceitos, podemos desdenhar e injuriar tudo. Mas permanecendo entre o céu e a terra, nós nos calam. (HESCHEL, Deus em busca do homem).

## 6 A VISÃO CRISTÃ

Na Renascença, com o advento da ciência moderna, a natureza começou a ser destruída de forma mais contundente, uma vez que seu caráter sagrado foi esquecido. Na Europa, contudo, místicos como Alberto Magno, Hildegard de Bingen e o Mestre Eckhart viram nos fenômenos naturais símbolos sacros. E foi São Francisco de Assis, que criou um novo tipo de mundo (dimensão de mundo), criou um novo significado fundamental para o nosso sistema de vida. Francisco de Assis encarou o mundo natural como um grande santuário. A exemplo de São Francisco de Assis, Teilhard de Chardin e de toda a tradição agostiniana -bonaventuriana-pascalina . Para todos eles conhecer nunca era um ato de apropriação e domínio das coisas, mas uma forma de amor e de comunhão com as coisas; valorizaram a emoção como caminho para o mundo e forma de experiência da divindade. Bem escreveu Blaise Pascal: “Eis o que é fé: Deus sensível ao coração e não à razão.”

A reflexão cristã dominante não aprofundou muito o mistério da criação. Por razões históricas e institucionais ela se concentrou muito mais no mistério da Redenção. Mas houve sempre também uma vertente forte que soube articular melhor a criação com a redenção, como a herança de São Francisco, recebida reflexivamente por São Boaventura, Duns Scotus e Guilherme de Ockham, e por fim, toda a teologia da Igreja Ortodoxa.

Muitos autores modernos, de fato, responsabilizam o cristianismo pela crise ecológica, mas este posicionamento é muito simplista, pois existem muitos fatores em jogo. Ao analisarmos o cristianismo Oriental, concluímos que não foi ele quem deu início ao problema. Há todo tipo de dificuldade na Rússia, Bulgária etc, mas como consequência da Ciência e tecnologias modernas, não foi uma transformação teológica que levou à emergência de uma filosofia secular e de uma ciência secularizada. Bizâncio não produziu nem Newton, nem Descartes.

O Cristianismo surge em um mundo que sofria de um excesso de naturalismo, o mundo greco-romano mediterrâneo. Para salvar o homem de um certo tipo de cosmolaria, o Cristianismo ofereceu o Amor de Deus. E homens como Clemente da Alexandria e Orígenes foram grandes teólogos da natureza, que reconheceram a sacralidade da natureza dentro do mundo cristão. Então certamente e definitivamente não foi o pensamento cristão, como alguns autores mencionam, que teria contribuído para a crise atual, e sim a secularização da Filosofia da Ciência, onde a Ciência moderna buscou uma autonomia em relação à cristandade.

## 7 A NATUREZA NO CRISTIANISMO ORIENTAL

A contemplação cristã da natureza talvez tenha origem no mundo grego e eslavo. Por exemplo, Isaac, o Sírio, de Nínive, que viveu no século IV, se sente totalmente solidário com todas as criaturas, a ponto de crer que não pode salvar-se a não ser em total comunhão com tudo o que foi criado. Em um de seus escritos ele nos dá vários elementos profundos de uma unidade íntima com a natureza. Para ele um coração puro é um coração que sofre com todas as criaturas. “É um coração que se inflama de caridade pela criação inteira, pelos homens, pelos pássaros, pelos animais, pelos demônios, por todas as criaturas. Quando pensa nessas criaturas, quando as vê, os seus olhos não podem a não ser encher-se de lágrimas. É assim tão grande sua paixão que seu coração se despedaça quando vê o mal e o sofrimento das criaturas mais humildes. Por isso não cessa de rezar entre lágrimas em todos os momentos pelos inimigos da verdade e por todos aqueles que lhe tenham feito algum mal, para que sejam protegidos e perdoados”. (20)

Essas palavras apaixonadas de Isaac exprimem uma relação do homem em unidade com o universo inteiro e que, por isso, considera todas as criaturas suas irmãs e se sente solidário com elas. Isso teve um grande influxo em todo o cristianismo oriental seja grego ou eslavo.

Na Grécia, em 1938 falecia Silvano do Monte Athos. Nos seus ensinamentos para com um companheiro de estrada, cujo bastão rompia as folhas de um arbusto em seu caminho, ele disse; “A folha era verde sobre a árvore e tu a esraçalhastes sem necessidade. É verdade que não é um pecado, mas o coração que aprendeu a amar se reconcilia com todas as criaturas, sobretudo com as mais pequeninas”

Na Rússia, São Serafim (1759-1833), que era conhecido como São Francisco do mundo russo, viveu contemplando a natureza dentro das florestas russas, conseguiu transfigurar o mundo em contínua oferenda ao Criador. Através da oração aprendeu a “conhecer a linguagem da criação, a escutar o louvor das criaturas e a compreender como é possível dialogar com elas”.

É uma lição que devemos aprender com os místicos orientais, o amor para com a natureza, natureza essa que deve também ser sentida com a alma. Estes místicos nos ensinam que a unidade universal não exclui o mundo das “coisas”.

## 8 CRISTIANISMO ROMANO

Mestre Eckhart, um dos maiores místicos do ocidente, nos mostra que o mundo não é apenas ponte para Deus, mas o lugar de veneração e a casa de encontro com Deus. Ele dizia: “Se a alma pudesse conhecer a Deus sem o mundo, o mundo jamais teria sido criado.” Também São Tomás de Aquino reconhece o amor de Deus na criação, e dizia: “Pois ele trouxe a vida para fazer com que sua bondade pudesse ser comunicada às criaturas e representadas por elas; e como sua bondade não podia ser representada de forma adequada por uma criatura somente, Ele criou várias e diversas criaturas, de modo que aquilo que estivesse faltando em uma criatura para representar a bondade divina poderia ser fornecido por outra. Pois a bondade, a qual em Deus é simples e uniforme, nas criaturas é variada e divina; e assim todo o universo junto participa da bondade humana de uma maneira mais perfeita e a representa melhor do que qualquer outra criatura sozinha poderia fazê-lo.

O Papa João Paulo II, no dia 6 de Novembro de 1987, em audiência concedida aos participantes de uma semana de estudos promovida pela Pontifícia Academia de Ciências, afirmou que no último século, tem se produzido uma tecnologia que "nem

sempre respeitou o meio ambiente e que tem levado a situações causadoras de grande preocupação, tanto em âmbito local, como mundial". Examinando o que deve ser feito, disse João Paulo II:

[...] muitas pessoas têm contribuído no esforço de proteção do meio ambiente, mas a habilidade e boa vontade de cada um dos especialistas e cientistas não são capazes de resolverem o complexo problema. Transformações profundas mundiais e econômicas e morais devem ser tratadas em nível de grupos de comunidades e de governos, devendo incluir intercâmbios internacionais. Fundamental para essa ação é educar o povo em relação ao meio ambiente e criar uma atitude de compreensão, de respeito e de genuína boa vontade recíproca.

O Papa Francisco fez logo que assumiu seu pontificado a encíclica *Laudato si*, cujo teor o pontífice critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, a encíclica, foi uma resposta às expectativas das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, bem como de lideranças políticas, econômicas e dos meios de comunicação social, acerca da crise representada pelas mudanças climáticas. Francisco deixou claro que espera que a encíclica influencie a política energética e econômica, e que estimule um movimento global por mudanças, para deter a "deterioração global do ambiente". O Papa dirigiu-se "a cada pessoa que habita neste planeta", apelando às pessoas comuns para que pressionem os políticos nesse sentido (Laudato si, 2015). A *Laudato Si'* representa um ponto de inflexão significativo, em que o meio ambiente passa a ocupar um lugar de destaque na doutrina Social da Igreja com ênfase na dignidade humana e da justiça econômica.

A tradição cristã também colaborou, e muito, com conceito no decorrer da história da nossa civilização como, por exemplo, o papel do homem como "administrador" e "guardião" dos recursos naturais, já que estes lhe foram dados gratuitamente, e a gratidão impõe o agradecimento e o cuidado dos bens naturais. O mesmo relato bíblico onde se fala do domínio sobre a terra, apresenta também a imagem de Deus que dá ao homem todas as plantas para semear. Esta imagem própria do mundo agrícola transmite a idéia de que o homem recebe o encargo de continuar a obra de Deus por meio do trabalho agrícola. Em outras palavras, o trabalho do homem é apresentado como um trabalho que continua a criação. O trabalho humano, no sentido religioso, é chamado a responder a esta característica própria de Deus: "criar", isto é,

ser uma cópia a nível humano do fato de chamar à "existência" os seres a partir do abismo do caos primordial.

O Ambientalismo, além dos seus aspectos externos de militância e mobilização, tem também o seu lado interno, profundo, interior. Como pensar na despoluição do planeta, se nós mesmos estamos impuros, carregados de egoísmo e do espírito de competição? É preciso escutar a voz de dentro, a voz que fala dentro de nós, como nós, diz Chiara Lubich. Precisamos estar atentos, por exemplo, à vitimização dos pobres no altar do consumo, e limitar nossos desejos de forma coletiva. Como exemplo de experiência bem-sucedida de limitar os desejos coletivamente, podemos citar o budismo e o movimento dos focolari. O budismo propõe uma viagem interior ao lado de uma vida material despojada, que não agrida a natureza, considerada tão sagrada quanto o mais sacro dos deuses (NIWANO, 1987). Já o movimento dos focolari busca, através da Comunhão de bens, dizer não ao consumo, e fazer com que circule entre as comunidades aquilo que sobra em outras, buscando desta forma uma unidade transcendente entre homem-natureza e espírito.

Chiara se adianta em algumas décadas as investigações filosófico-ecológicas, mostradas em uma de suas frases onde se pode buscar muitos elementos para um novo modo de ser e pensar as relações com a natureza. Chiara diz: "Tudo na natureza está numa grande relação de amor, cada ser com cada coisa". Em ecologia não se pode esquecer de dois conceitos : o da energia e o da interrelação (unidade) entre todas as coisas (ODUM, 1988). O universo das energias é constituído por um tecido de relações (unidade) . Tudo, mesmo partículas subatômicas, existe para, com e através uma das outras. Fora da relação(unidade) não existe vida. Existir é ser em relação. A vida, pois, é a energia em relação.

Teilhard de Chardin valoriza o amor pelo universo todo quando e diz: “No cosmo, da maneira como o descrevo aqui, torna-se possível amar o universo , apesar disso parecer um pouco estranho. Na verdade, é apenas dessa forma que o amor pode desenvolver-se com toda a sua força e esplendor.”

O universo é uma unidade. Quando ele age em qualquer uma ou em todas as suas partes, ele age como unidade, como um todo. Uma flor cresce num processo de unidade, ela abre suas pétalas devido a vários fatores biológicos que agem em unidade. E até mesmo uma abelha que vem sugar seu nectar, age em unidade com a flor , com ela mesma e com sua colméia. O mesmo ocorre com o universo . Ele surgiu como uma unidade, um único evento de energia multiforme chamado de Big-Bang. Ele também se

desenvolve com unidade , sendo que todas as funções do universo são funções dessa unidade.

A tradição cristã tem uma categoria para entender a realidade como energia e como vida. É a figura do Espírito Santo. Ele é o criador e o vivificador. Atua em tudo o que se move, faz expandir a vida, inflama os profetas, inspira os poetas, suscita os líderes carismáticos e enche todos nós de entusiasmo mediante o qual continuaremos a viver e a vibrar .

O espírito enche o universo, e renova a estrutura do cosmos. Ele habita sua criação, assim como o filho eterno habita a humanidade de Jesus. Abraçando o mundo, abraçamos Jesus. Vivendo a vida, estamos vivendo no Espírito.

O Espírito que habita o universo faz com que exista cada vez mais uma convergência entre espiritualidade e ecologia. Trata-se de uma mudança mais ampla, planetária e não apenas uma resolução material. Nisto está a raiz da revolução espiritual, reverente, a revolução doce, em que toda a agressão ao mundo é uma agressão a si mesmo e toda cultura do mundo significa cultivar a si mesmo. E frases filosóficas como a dos índios sioux americanos, onde: "O espírito dorme na pedra, sonha na flor, sente no animal e sabe que sente no homem", faz com que entendamos que este espírito que assume o universo inteiro estimula a criação.

## 9 A NATUREZA NO ALCORÃO – Islamismo

Segundo dados estatísticos, o Islamismo é a religião que mais rapidamente ganha adeptos na atualidade. A origem do Islamismo remonta ao século VII d. C. com as revelações de Alá ao profeta Maomé. A religião reconhece Alá como seu único Deus, assim como reconhece em Maomé o legítimo profeta de seu Deus. Os textos sagrados islâmicos são: o Alcorão, obra que contém as revelações de Alá a Maomé; o Hadith, contendo os pensamentos e as ações de Maomé; o Sunnah, conjunto de regras de conduta a ser seguido pelos islâmicos. Duas vertentes são reconhecidas no Islamismo: os sunitas (o maior e mais ortodoxo grupo islâmico, constituindo maioria religiosa em países como o Iêmen e a Arábia Saudita, entre muitos outros) reconhecem a sucessão de Maomé por Abu Bakr e pelos três califas que o seguiram; os xiitas reconhecem a sucessão de Maomé por Ali, seu sobrinho. Os símbolos mais importantes para os islâmicos são a família e a mesquita, os elementos centrais da vida dos seguidores do Islamismo. As práticas religiosas são fundamentais como, por exemplo, as cinco preces diárias a Alá; há também o dever para com os necessitados de se oferecer uma parte dos

bens; durante a data do Ramadan, entre o amanhecer e o entardecer, há a obrigação do jejum; todos os seguidores da religião, pelo menos uma vez em sua vida, devem realizar a peregrinação à cidade de Meca, simbolizando a própria peregrinação de Maomé à esta cidade.

Alá o fez nascer da Terra como uma planta, e à Terra ele irá devolvê-lo. Assim, ele fará com que você se renove. Ele criou a Terra como uma vastidão para que você pudesse atravessar seus amplos caminhos.

O Alcorão ensina que, mesmo antes da criação do primeiro ser humano, já era plano de Deus estabelecer a vida humana e a civilização sobre a terra. Portanto, o muçulmano não vê o ser humano como totalmente mau ou totalmente bom, mas sim como responsável. O Alcorão afirma, em diversos lugares, que Deus criou o homem para ser Seu "khalifah", Seu administrador ou vice-gerente na terra.

A responsabilidade básica da espécie humana, que pode perfeitamente estar programada geneticamente, é de buscar a Deus. Essa busca, para o muçulmano, não é apenas se comprometer com os rituais formais da religião, mas é, também, qualquer atividade que esteja de acordo com a vontade de Deus e que beneficie uma pessoa ou a humanidade inteira. Assim, o muçulmano vê a terra, seus recursos e ecologia, como um presente de Deus, para os humanos submeterem e usarem em cumprimento à responsabilidade pela qual são devedores.

Por isso, o Alcorão fala tanto sobre o conhecimento. A primeira palavra revelada do Alcorão foi "recite", ou "leia". Já que eles eram sinceros em sua fé e nas injunções alcorânicas sobre o conhecimento, os muçulmanos estabeleceram uma civilização que via grandes avanços nas ciências e no humanismo.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### REVIVENDO A ÉTICA ESQUECIDA

Quando se pergunta quem poderá resgatar o esquecimento secular da face de Deus, e a secularização da natureza no Ocidente? Fica claro que devemos voltar a Mestre Eckhart no âmbito do cristianismo ortodoxo, e a São Francisco de Assis no Cristianismo romano. Pois, estas espiritualidades (tradições) podem ajudar os ocidentais de duas maneiras: elas os capacitam a descobrir alguns elementos da tradição cristã, que foram esquecidos no Ocidente, uma metafísica da natureza, um modo de encará-la sem se tornar "animistas" ou "naturalistas", apresentando uma espécie de teologia da natureza que não destrua a transcendência e a dimensão espiritual da religião. Então se veria que não se trata da redução da religião a algum naturalismo, pois para os

ocidentais que são muito mentais e cerebrais, ficaria mais fácil buscar em seu discurso metafísico filosófico, escrito sobre a natureza, ao longo de sua tradição, do que voltarem aos aborígenes australianos, cujas escrituras sacras são as árvores e as montanhas.

Só quando abandonarmos a ética limitada e exclusivista, e passarmos a olhar o mundo de maneira holística, onde o homem é apenas uma entre dezenas de milhões de criaturas criadas por Deus, então construiremos a chamada "ética da Terra" ou ainda dentro do carisma de Chiara Lubich " a ética da Unidade" , onde homem, natureza e espírito consolidam uma unidade perfeita. Desenvolvendo sempre uma ética de corresponsabilidade pelo futuro da criação. E aí teremos um mundo altamente técnico que seja sustentável, que venha realçar a vida, ao invés de destruí-la.

Desta forma manteremos íntegra a Criação, preservando toda a vida do planeta, reconhecendo seu direito a existência e seu valor intrínseco. Somente assim superaremos o antropocentrismo do homem moderno, que tem com a natureza uma relação utilitarista, passando por cima da diversidade das formas de vida, em nome da racionalidade da produção e do consumo, transformando os demais seres em meros objetos do saber científico e técnico.

A ética, afinal de contas, só existe na prática, na fina trama das decisões diárias. Como Aristóteles argumentou, “na ética a decisão está por conta da percepção”. Quando a maioria das pessoas vir um automóvel grande e pensar primeiro na poluição do ar que ele causa, em vez de pensar no status social ao qual ele conduz, a ética ambiental terá chegado.

Talvez devêssemos retornar novamente a dois grandes homens da nossa cultura: São Francisco de Assis e, mais recentemente, Albert Schweizer. Eles propuseram uma ética completamente diferente, mas não foram ouvidos. São Francisco alcançou uma unidade tão grande com a natureza, que redescobriu o senso sagrado da natureza, sua dimensão sacra e o papel que ela pode desempenhar na vida do homem, chegando a reconhecer tão parte dela, que chamava todas as criaturas de suas irmãs. Ele dizia que a lua era sua irmã, os pássaros dos céus eram seus irmãos. Pregava sempre um mutualismo entre homem e natureza, reconhecendo que a união com a natureza é uma união estabelecida pelo próprio Deus. E toda a simbologia das escrituras como : o homem feito de barro, o homem pertence a terra, a terra pertence ao homem- é uma teologia que pode ser chamada de teologia Cósmica, que une todo o cosmos como o homem, e sempre foi assim. Dominar a terra significa que nós temos que cuidar dela, e jamais destruí-la.

Abert Schweizer passou sua vida buscando um novo princípio para a ética e chegou ao que chamamos de "princípio fundamental da reverência à vida em todas as suas formas e manifestações". Isso inclui até as bactérias. Se aprendermos a ver o mundo com esse tipo de ética, só aí desenvolveremos uma tecnologia e uma economia realmente sustentável.

Ao reafirmar a interdependência entre todos os seres, a ecologia funcionaliza todas as hierarquias e nega o "direito" do mais forte (BOFF, 1993). Todos os seres, microscópicos que sejam, contam e possuem sua relativa autonomia. Nada é supérfluo ou marginal. Tem futuro não simplesmente o maior e mais forte, mas o que tiver mais capacidade de relação e disponibilidade de adaptação. Cada ser constitui um elo de uma imensa cadeia cósmica.

A ecologia da biosfera é uma ciência que relaciona e inclui todos os seres entre si e com o meio ambiente, numa perspectiva como dizia Teilhard de Chardin "do infinitamente pequeno" das partículas elementares, do "infinitamente grande" de todo o universo, do "infinitamente complexo" dos sistemas de vida, e segundo Boff (1993) do "infinitamente profundo" do coração humano e do "infinitamente misterioso" de onde tudo promana.

A biosfera é o mundo natural onde foi colocado o homem. Graças as suas falcudes intelectuais, ele é capaz de completar esse seu mundo de forma objetiva, colocando-se, deste modo, acima do mesmo. De um lado o homem é filho deste mundo externo, depende da natureza; por outro lado, o seu mundo interno o liga ao divino.

Unicamente a consciência dessas suas relações com os seres abaixo e acima dele, permite ao homem evoluir para um ser harmonioso e sábio, cuja morte significa a consumação em nível divino. A tarefa do homem não consiste unicamente em servir-se da natureza; é sua obrigação também mantê-la em equilíbrio ecológico e fazer o possível para preservá-la e conservá-la.

O ser humano individual e social é parte da natureza; ele pertence a natureza bem como a natureza lhe pertence como cuidado e trabalho. Como veremos, logo a seguir, ele possui sua diferença específica na medida em que somente ele é um ser ético, capaz de cuidar da natureza, potencializar sua dinâmica interna de ascensão como de feri-la e até de destruí-la..

A nova ordem ética deve encontrar outra centralidade. Deve ser ecocêntrica, deve visar o equilíbrio da comunidade terrestre. Tarefa fundamental que consiste em refazer a aliança destruída entre o ser humano e a natureza e a aliança entre as

peças e povos para que sejam aliados uns dos outros em fraternidade, justiça e solidariedade. O fruto disso é a paz. e a paz significa a harmonia do movimento e o pleno desabrochar da vida.

O ser humano vive eticamente quando renuncia estar sobre os outros para estar junto com os outros para estar junto com os outros. Quando se faz capaz de entender as exigências do equilíbrio ecológico, dos seres humanos com a natureza e dos seres humanos com os outros seres humanos. E quando, em nome do equilíbrio, impõe limites a seus próprios desejos. Ele não é apenas um ser de desejos. Somente o desejo o torna egoísta ou mimético. Ele é muito mais, pois é também um ser de solidariedade e de comunhão. Quando assume a função/vocação de administrador responsável, de anjo da guarda e de zelador da criação, então ele vive a dimensão ética inscrita em seu ser.

A nova relação que o homem deve estabelecer com seu ambiente, deve passar antes por seu coração. É aí que estão as raízes das agressões que rompem o acordo originário entre todos os seres. Ao desejo insaciável de consumir, é necessário colocar limites, por amor ao desejo dos outros e em prol da sobrevivência de todos. Talvez a grande tradição do budismo e do caminho ascético cristão resida exatamente nisso “ precisamos limitar coletivamente nossos desejos” (BOFF, 1993)

O modelo de desenvolvimento que devemos buscar deve ter uma dimensão ampla, deve ser um desenvolvimento com a natureza e não contra ela. O que deve ser mundializado atualmente é menos o capital, o mercado, a ciência e a técnica. O que deve ser mais mundializado é a solidariedade para com os outros seres, a partir dos mais afetados, valorizar a vida em todas as suas formas, a participação como resposta ao chamado de cada ser humano e a veneração da natureza da qual somos parte e parte responsável.

## REFERÊNCIAS

- BARBIERI, E. **Pobreza e Meio Ambiente**. Cidade nova, v.3.4n.1.p. 26 -27. 1993.
- BARBIERI, E. **Solidariedade, fator de desenvolvimento**. Cidade nova, v.33. n.11-12. p.35-34. 1992.
- BARBIERI, E. **Biodiversidade capitalismo verde ou ecologia social**. São Paulo: Cidade nova, 1998.
- BARBIERI, E. **Desenvolver ou preservar o ambiente**. São Paulo: Cidade nova, 1996.
- BOFF, L. 1993. **Ecologia Mundialização Espiritualidade**. São Paulo. Editora ática. 1993.

ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO SANTO PADRE FRANCISCO - SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM». Consultado em 18 de junho de 2015.

CNBB. **A Igreja e a questão ecológica. Setor Pastoral Social- CNBB.** Edições Paulinas, SP. 1992.

FLAVIN, C. **Desacelerando o Aquecimento Global.** In Salve o Planeta, Qualidade de vida-1990. Org. Lester R. Brow. Rio de Janeiro. Editora Globo. 1990.

LaCHANCE, A. **Espiritualidade Verde. Doze Lições Sobre Espiritualidade Ecológica.** São Paulo. Editora Gaia Ltda. 1996.

NIWANO, N. 1987. **Shakyamuni Buddha. Uma biografia narrativa do Buda histórico.** São Paulo. Edit. Cidade Nova, 1987.

ODUM, E. P. **Ecologia.** Rio de Janeiro. Edit. Guanabara, 1988.

POSTEL, S. & FLAVIN, C. **Reformando a Economia Global.** In: Qualidade de vida, Org. Lester R. Brown. Edit. Globo. 1991.

ROSIQUE, J & BARBIERI, E. **Ecologia, Preservar para viver.** São Paulo. Editora Cidade nova. 1992.

VEDA (Vários autores). **Visão Contemporânea da Milenar Cultura Védica.** São Paulo. ISKCON 1976.

WAINER, A. H. **Olhar ecológico através do Judaísmo.** Rio de Janeiro. Editota IMAGO-RJ. 1996.

(Recebido em abril de 2019; aceito em maio de 2019)